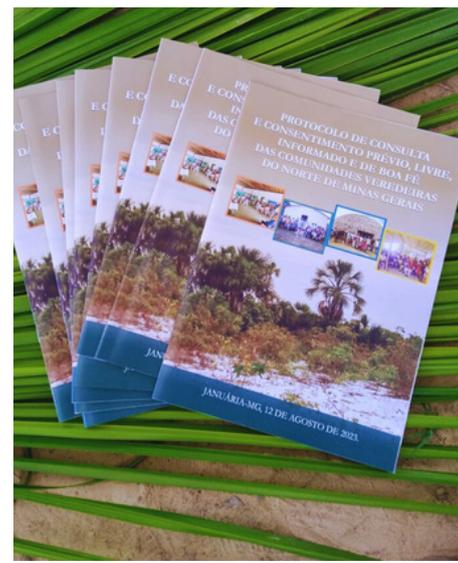
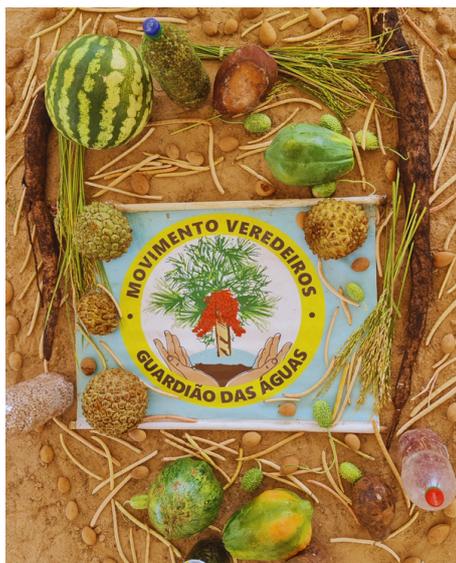


## Das veredas dos Gerais, a voz de Edilene ecoa a luta de resistência pela Convivência com o Semiárido



Entre a bandeira da Associação Central das Comunidades Veredeiras do Norte de Minas e a publicação do protocolo de consulta prévia das comunidades veredeiras do Norte de Minas, Edilene mostra o araticum colhido no Quilombo do Japão

“Para mim, as águas são tudo, são vida, é a cultura do meu povo!”. A fala de Edilene Amaro Batista, 37 anos, traduz a relação do povo veredeiro com o seu território tradicional. Representante veredeira no Conselho Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais (CONPCT) e integrante da coordenação executiva da Associação Central das Comunidades Veredeiras do Norte de Minas (Acever), ela tem levantado a sua voz contra a ação de grileiros e fazendeiros na região que têm desmatado e incendiado áreas de preservação e contaminado a água dos rios com agrotóxicos. “Nós já perdemos muitos córregos, muitos rios, agora nós só temos o rio Cochá que está bem danificado com pouca água”, denuncia Edilene.

*“Onde tem vereda, tem água. A vereda tem tudo a ver com a nossa vida, toda a nossa história está ali.”*

**Edilene Amaro**

Mãe de seis filhos, Edilene vive no Quilombo do Japão, na comunidade Veredinha II, em Bonito de Minas (MG). Ela nutre o sonho de que todos os seus descendentes possam continuar vivendo dentro da comunidade, com acesso à água, alimentos de verdade e educação de qualidade. “Aqui, a gente planta sem veneno arroz, feijão e mandioca. Colhemos cajuí, buriti, pequi, cabeça de nego, mamão e melancia. A minha luta é para que no futuro as crianças continuem colhendo esses frutos e seguindo o nosso modo de vida, por isso precisamos manter essa mata de pé e preservar as nascentes para que toda a comunidade tenha água para beber”, afirma. A preocupação com o futuro dos filhos mobilizou Edilene a buscar conhecimento sobre a preservação e desenvolvimento do território e os processos de demarcação. “Sem o território tradicional, não tem como identificar e reconhecer o nosso povo, por isso, é importante buscar a demarcação.”

Lá atrás, foi esse desejo pela demarcação da nossa terra que me moveu a ser presidente da associação da minha comunidade. Quando eu comecei, tinha medo por causa das ameaças dos grileiros e fazendeiros da região, mas levantei a cabeça, com a ajuda dos meus amigos”, diz a vereadeira.

Com o apoio da Acever, em 2019, Edilene conheceu a iniciativa “Tô no Mapa”, aplicativo dedicado a reconhecer e mapear comunidades tradicionais por meio do sistema de dados georreferenciados (GPS). Ela explica que além dessa plataforma dar mais visibilidade à luta do povo vereadeiro em outros espaços, esse processo fortaleceu a articulação da comunidade. “Nas reuniões, eu sempre falo que sem o cerrado em pé a gente não vai ter frutos, a gente precisa trabalhar de forma coletiva para se fortalecer e preservar o nosso meio ambiente”, enfatiza.

Em 2021, o Quilombo do Japão e outras comunidades da região foram atingidas por um incêndio criminoso. “Tiveram muitos incêndios grandes que a gente não sabia de onde vinham, as chamas foram tão grandes que o povo precisava jogar água em cima das casas pra não pegar fogo nas palha que cobriam o telhado. Juntos e com apoio do Instituto Estadual das Florestas (IEF) conseguimos apagar o fogo que chegou até aqui, na época os brejos e as veredas foram destruídos. Depois desse período, várias partes do nosso território foram invadidos por grileiros e começamos a sofrer ameaças. “Grileiros foram na minha casa dizendo que eram os donos, eles começaram a fazer cercas, a gente foi para cima, mas de vez em quando eles passam lá tirando pontos de medidas dentro do nosso território”, conta.

Ao lembrar desse período, Edilene destaca que a estratégia da comunidade foi construída de forma coletiva com a criação do Protocolo de Consulta, Livre, Prévia, Informada e de Boa Fé da Acever com a Articulação Rosalino Gomes de Povos Tradicionais. Ela afirma que “o protocolo trouxe uma força de coragem para reconhecer os nossos direitos e nos deu força para gritar que dentro do nosso território nós mandamos”. Após um longo processo de luta coletiva, em março de 2024, a comunidade vereadeira foi certificada como quilombola pela Fundação Palmares.

Edilene acredita que essas duas vitórias são hoje instrumentos de luta da comunidade que segue em diálogo com o poder público para impedir a invasão de áreas tradicionais. “Acredito que os povos tradicionais devem seguir em lutas juntos”. Eu sempre compartilho um conselho: para seguir firme na luta, preservem as matas, quem preserva tem vida, sigam firmes segurando a mão um do outro e tenham esperança porque juntos somos resistência”, reforça a vereadeira.



### O que são veredas?

As veredas são um importante ecossistema do bioma Cerrado, típico da região do Norte de Minas. Ficam localizadas nas proximidades das nascentes e funcionam como vias de drenagem e contribuem para a perenidade e regularidade dos cursos d'água. São ambientes caracterizados pela presença da palmeira, o Buriti, e pelos solos hidromórficos, solos que, em condições naturais, se formam na presença de água. Para saber mais informações acesse o Museu dos Povos Tradicionais do Norte de Minas.

Lá, você irá encontrar vídeos e fotos sobre a cultura vereadeira. Para acessar o site, aponte o seu celular para o código de QRcode, ao lado.

